

SEXUALIDADE, TRADIÇÕES RELIGIO-CULTURAIS AFRICANAS E MODERNIDADE: EXPANDINDO AS LENTES

Ifi Amadiume

AMADIUME, Ifi. Sexuality, African religio-cultural traditions and modernity: expanding the lens. **CODESRIA Bulletin**, 18&2, 2006, p. 26–28. Tradução para uso didático por Beatriz Hamamoto Sobral.

Resumo: Neste ensaio, Ifi Amadiume analisa criticamente tanto as alternativas normativas (“práticas sexuais prescritas”) quanto as contra-normativas (“alternativas subversivas”) para a sexualidade na África e em outras culturas, já que essas se relacionam a conceitos de gênero e práticas que dizem respeito ao problema da desigualdade e do patriarcado estatal. Uma das questões que este ensaio aborda é a política de controle ou a propriedade de acesso aos corpos das mulheres – com atenção especial ao poder da parteira, do marido e do pai sobre a sexualidade feminina. “Em toda a história e em todas as culturas têm ocorrido muita interferência e luta contra os órgãos sexuais e reprodutivos das mulheres”, observa a autora. O ensaio convida a uma discussão aberta sobre essas questões, com objetivo de encorajar possibilidades de resistência e mudança, que são individuais e sistêmicas. “O que nos falta aqui é mais trabalho comparativo para expandir nosso conhecimento sexual sobre as ambiguidades e mensagens positivas de culturas, religiões, literatura e ciência. Precisamos trabalhar com uma perspectiva ampla que sujeite a rigidez normativa a uma avaliação crítica que apresente uma alternativa mais progressista frente aos desafios da mudança social”, afirma a autora.

Introdução

A prática da sexualidade na África apresenta inúmeras dificuldades a pesquisadores e estudiosos devido à ambiguidade das crenças e atitudes nas culturas e religiões tradicionais. A sexualidade é ainda mais problemática em religiões mundiais recebidas e na cultura popular globalizada da modernidade africana pós-colonial. Uma perspectiva que encoraja o discurso sobre a responsabilidade sexual sem culpa, medo ou problemas de saúde é uma saída bem-vinda e corajosa da estase e da regressão que tipificam ortodoxias rígidas ou a normatividade sufocante.

A maioria dos discursos ou correntes de pensamento sobre o tema da sexualidade na África tem mais foco nas práticas sexuais prescritas, tanto descritivas quanto críticas, e não nas alternativas subversivas para encorajar e disponibilizar o

acesso às possibilidades de resistência de mudança, que são individuais e sistêmicas. Todas as culturas e religiões regulam o sexo, contudo permitem algumas liberdades sexuais que podem até ser contra-normativas, algumas mais outras menos. A partir deste ensaio, espero encorajar uma discussão aberta que considere tanto as alternativas normativas quanto as contra-normativas de sexualidade, já que estas se relacionam a conceitos de gênero e práticas que dizem respeito ao problema da desigualdade e do patriarcado estatal.

A sexualidade no pós-matriarcal

Em nossa relação simbólica com o mundo animal, as elefantas podem ser vistas como as primas distantes das mulheres das antigas tradições matriarcais. A fêmea do elefante não pode ser penetrada a não ser que ela permita o acesso; ela sinaliza sua prontidão urinando. Portanto, as elefantas não são sexualmente vulneráveis ao macho como são as chimpanzés. De acordo com paleontólogos, a mulher moderna evoluiu para além da vulnerabilidade sexual biológica marcada pela vulva vermelha visível e o odor de suas primas imediatas – as chimpanzés fêmeas – que não podem recusar a penetração do chimpanzé macho quando ela está em estro ou ovulando.

A vulva da mulher moderna é invertida e diferente daquela do chimpanzé fêmea, sua ovulação ocorre oculta aos olhos e nariz dos machos! A evolução, os rituais e a cultura permitiram que as fêmeas humanas no início da modernidade reconfigurassem sua sexualidade pelos controles coletivos dos rituais no matriarcado antigo baseados na lógica da solidariedade feminina e do parentesco matriarcal. Elas eram proprietárias de seu próprio sexo e diziam ‘sim’ ou ‘não’ juntas quando necessário. O ‘sim’ ou ‘não’ do sexo se traduziu também no ‘sim’ ou ‘não’ em importantes questões sociais sobre as quais as mulheres podiam invocar ações coletivas de ataque. Assim como o capitalismo, os desenvolvimentos sociais pós-matriarcais são marcados pelo controle patriarcal e opressão das mulheres, que vêm funcionando por meio da fragmentação e atomização das mesmas. As mulheres têm mais escolhas e liberdades individuais, mas menos poder coletivo; isso sugere que a modernidade julgou as mulheres como mais vulneráveis como indivíduos?

Propriedade de Acesso

A propriedade de acesso é, conseqüentemente, um dos maiores problemas que radicalizam nosso discurso sobre a sexualidade já que, logicamente, ela aponta para a questão da subjetividade e da escolha em oposição à objetificação, posse e penetração forçada. Em sociedades tradicionais, estratégias para se recusar a penetração forçada dão poder à parteira ou mulher anciã, o que pode ser visto como a resposta das mulheres a esses medos; assim ocorre o desenvolvimento de rituais organizados femininos para tomar o controle e proteger as mulheres. Estas, desde o início da história humana, sempre foram inventoras de cultura e iniciadoras de rituais. O fato de as mulheres serem tão organizadas resulta em poder estrutural, mas, no caso da prática da circuncisão feminina, há também a repetição negativa da violência geracional da Mutilação Genital Feminina (MGF) em algumas sociedades. A prática cirúrgica de se cortar e costurar resulta em um cercamento que poderíamos chamar de prática “sem acesso” e envolve o corte mais extensivo e radical; a parteira controla o acesso ou possui a chave para abrir para o parto e costurar novamente para o sexo.

Poder masculino sobre a sexualidade feminina

Uma mudança de poder da força coletiva das mulheres ao pós-matriarcado apresenta novas contradições no poder da parteira, do marido e do pai sobre a sexualidade feminina. A fragmentação das mulheres e a nova forma de dominação patriarcal explicam prontamente o enigma da aparente subserviência sexual das esposas na sociedade moderna, sua competição com as filhas e mulheres mais jovens, e o porquê de atualmente os homens serem vistos como os maiores apoiadores da MGF e outros meios de controle na sociedade pós-matriarcal moderna. Sob a dominação patriarcal, ouvimos declarações que demonstram o senso de insegurança de maridos na questão de honra e infidelidade, ou as medidas punitivas de um pai para corrigir a vergonha ou assegurar a honra. Essas medidas punitivas podem estender-se às mulheres não circuncidadas em sociedades que não praticam a MGF.

Tais atitudes são corriqueiras e globais e demonstram a posse e possessividade, como por exemplo cobrir as mulheres e filhas e não as deixar sair de vista! Deveríamos nos lembrar que em tradições europeias, cavaleiros que serviam suas nações trancavam suas mulheres com cintos de castidade e iam à guerra com a chave! Eles até escondiam algumas de suas filhas e mulheres em castelos distantes. Alguns de seus reis também enforcavam ou cortavam a cabeça de suas esposas por alegações de infidelidade. De diversas formas, os ‘machos controladores do sexo’ ou os ‘porteiros do sexo’ devem ter sentido inveja do poder das parteiras. Em toda a história e através de culturas eles têm se comportado de formas similares com suas mulheres.

Assim como algumas declarações sociais expuseram o extremo controle patriarcal, algumas das razões expressas em crenças e tradições que apoiam a prática da MGF demonstram igualmente a ignorância sobre a complexa biologia dos órgãos sexuais e reprodutivos femininos nas culturas que praticam a MGF. Algumas razões, como o medo de que o clitóris ou os lábios vaginais possam crescer demais ou ‘entrar no caminho’, mostram um conhecimento surpreendente dos potenciais do órgão sexual feminino para o auto-prazer ou ao prazer de terceiros. Em um sentido simbólico, essa é a afirmação mais radical e mais próxima da verdade porque ela rejeita diretamente a ideia de igualdade sexual para meninas. O medo de que o clitóris e os lábios cresceriam a ponto de igualarem-se ao pênis masculino, portanto, carrega certa verdade, mas é biologicamente falso já que os dois órgãos maduros não se parecem, até em circunstâncias em que um indivíduo possui ambos os órgãos sexuais feminino e masculino. Contudo, algumas sociedades tradicionais africanas, como grupos étnicos no norte de Moçambique, Zâmbia e sul da Tanzânia, praticam o que é chamado de ‘alongamento dos lábios’ ou ‘aumento dos lábios’ em suas mulheres durante a puberdade e rituais de iniciação, o que é o oposto dos cortes. Não se ouve muito a respeito dessa prática ou das experiências sexuais nessas culturas africanas.

O sexo como prazer é contra o pensamento fundamentalista ou purista que insiste em ver o sexo como um pecado, dever, direito conjugal e dominação masculina. Quando visto solenemente pelas razões descritas acima ou pela perspectiva das ramificações da MGF, o sexo seria visto incorretamente como mecânico e apenas para

a gratificação masculina e procriação feminina, pela qual a mulher é simplesmente um depósito.

Isto simplesmente reafirma e reforça a perspectiva e a prática do poder masculino sobre a sexualidade feminina, o que não é toda a história da sexualidade na África.

Sexualidade, Tradições Africanas e o Pós-Colonial

O discurso sobre a sexualidade normalmente é centrado nas práticas e crenças que ocorrem em diferentes situações envolvendo movimentos urbanos, rurais e localizações culturais, geográficas e internacionais. É um discurso desigual em que se assume o conhecimento sexual de moradores de áreas urbanas ocidentais como superior à dos aldeões ou “tradicionalistas”, “desinformados” e “primitivos”. As práticas que constituem abuso sexual são tópicos que nós, estudiosos, pesquisadores e ativistas conhecemos bem, já que nos preocupamos com a justiça social. Neste projeto, escrevemos negativamente sobre aquilo que, como feministas, percebemos ou entendemos como atitudes endêmicas à sexualidade. A verdade é que nós não sabemos muitos sobre como são os atos sexuais que ocorrem na realidade, e fomos bem sucedidos em taxar todas as mulheres da África como sexualmente reprimidas, sexualmente inferiores e sexualmente mutiladas!

Com mais conhecimento e questionamentos, e se pudermos ter um pouco de amor e respeito, acredito que descobriremos que perdemos a ambiguidade de representação na sexualidade tradicional. Perdemos o entendimento balanceado das contradições que essa ambiguidade apresentava. Em praticamente todas essas sociedades tradicionais africanas, habitualmente as próprias mulheres decoram os corpos das meninas com os signos e símbolos da sociedade. O ponto é que tal elaborada e colorida decoração e embelezamento torna as garotas sedutoras e atraentes; independentemente da normatividade e das crenças em que as feministas têm focado para argumentar a inferioridade sexual das mulheres nas tradições africanas. Alguns podem argumentar que ao invés de instilar o medo do sexo em

jóvens meninas, o contraceptivo deveria ter sido desenvolvido. A contracepção tradicional era praticada em algumas sociedades por mulheres casadas e mães por meio da lactação, o que possibilitou que elas espaçassem o nascimento dos filhos. Como sabemos, os problemas de saúde associados ao uso de contraceptivos sugerem que os corpos das mulheres da modernidade não recebem um tratamento melhor. Certamente, algumas usam métodos contraceptivos por opção, mas também há mulheres que são forçadas a usá-los como meio de controle populacional. Deve-se também prestar igual atenção à representação e o simbolismo do corpo de meninas em imagens e na arte para visualizar e entender a estética cultural da sociedade centrada nas mulheres, tanto a sutil quanto a evidente.

A falecida romancista Mariam Ba, mexe com esse preconceito com a personagem de uma mulher africana chamada Ouleymatou que usa o tradicional “pó de gongo” e o “movimento sugestivo das nádegas de uma mulher africana, envolto nas cores quentes de seu *pagne*” (p. 112) para seduzir de volta o homem que ela amava. Esse homem havia viajado internacionalmente, foi educado em uma universidade e possuía uma igualmente educada esposa branca que não tinha amor ou respeito pela família, amigos ou cultura dele. Nesse enredo de sedução, “foi a Mãe Fatim, a **chefe do composto**, que deu incensos e pó afrodisíaco à Ouleymatou durante noite, com uma piscadela sábia” (p. 120). As elites educadas africanas estão erradas em assumir que sabem mais sobre sexualidade do que as massas analfabetas ou os aldeões tradicionais, dado o fato de que a educação sexual adequada à idade não só é limitada à religiosidade, doenças, gravidez e prevenção de abortos, mas não está contida no currículo escolar. Em contraste, o currículo de rituais em grupo em pequenas escolas de vilas tradicionais embarca, às vezes, uma educação sexual bastante completa; muitas vezes usando objetos de argila para demonstrar o ato sexual.

No ritual de puberdade da sociedade tradicional Ndembu, na província da Zambia, as mulheres mais velhas manipulam e alargam os órgãos sexuais das meninas com os dedos e inserem objetos fállicos em suas vaginas para ensiná-las sobre os atos sexuais. Em rituais similares, o tradicional Masasi do sul da Tanzânia alonga os lábios

¹ Pano tradicionalmente utilizado por mulheres africanas como vestimenta ou para embrulhar bebês e amarrá-los nas costas, dentre outros usos. Também conhecido como *kanga* e *capulanas*.

vaginais com massagens e ensina às meninas movimentos para aumentar o prazer sexual. O povo Tiv da Nigéria faz vários padrões concêntricos e horizontais por meio da técnica de escarificação no estômago das mulheres, padrões que eles acreditam melhorar o sexo e embelezar. Nos rituais de casamento do povo Igbô, também da Nigéria, as esposas introduzem recém casados às relações sexuais em ritos desenvolvidos para esse propósito. Os Igbôs não aprovam o sexo antes do casamento. Tradicionalmente, eles usavam encantos, cintos com miçangas e tornozeleiras de prata ou latão para embelezar as mulheres nuas solteiras. Esses adornos brilhantes são sedutores com seu balanço tentador e chacoalhar de sons musicais, mas firmemente significam a negação do acesso sexual e até do conhecimento sobre o sexo antes do casamento. Em contraste aos Igbôs, em algumas sociedades os jovens têm conhecimento do prazer sexual sem penetração antes do casamento. Isto se aplica a várias sociedades tradicionais do leste ao centro da África, como os Mbuti de Zaire, que são muito liberais em relação a sexo.

As sofisticadas habilidades de sedução de Ouleymatou, personagem de Mariama Ba, obviamente foram aprendidas em suas tradições africanas, não na escola francesa de ensino fundamental em que estudou. Na cultura inglesa vitoriana, não se esperava que as mulheres sentissem excitação sexual, e essas culturas foram forçadas aos africanos por missionários cristãos e pela educação moderna eurocêntrica. Essas não eram práticas tradicionais africanas. Em inúmeras sociedades tradicionais, jovens mulheres eram ensinadas a se preparar fisicamente para relações sexuais durante os rituais de iniciação ou casamento; incluindo o uso de movimentos corporais rítmicos que são realçados por sons e acessórios como saias de grama, contas, decorações corporais, aromas e incensos, ervas e especiarias. Os cintos com miçangas, que anteriormente sinalizavam a mensagem “não toque”, se tornam acessórios sexuais após o casamento. Durante os rituais sazonais, “... belas jovens Fulani seduzem os jovens a se juntarem a elas em danças de cortejo”².

Em rituais de cortejo e casamento, enquanto alguns povos tradicionais esgotam eles mesmos e os outros com práticas violentas, outros preferem meios pacíficos como

² Ver http://www.culturesontheedge.com/gallery/archives/ceremonies/photos/seas_content.html. Visualizado em 1º de março, 2006.

a satisfação pela beleza e sedução, como pode ser visto na citação abaixo (retirada do site [WWW.culturesontheedge.com](http://www.culturesontheedge.com)), cheio de belas e coloridas imagens de povos tradicionais africanos e suas práticas culturais: “O povo Surma, que vive em um canto remoto do sudoeste da Etiópia, praticando um dos mais inigualáveis rituais de cortejo na África. Todo ano centenas de homens de Surma se reúnem para realizar lutas selvagens e violentas para conquistar os corações de suas futuras esposas”. Ao contrário dos Surma, que lutam pelas mulheres, os homens nômades do povo Wodaabe do Níger passam horas se arrumando e pintando para um concurso de beleza masculino. As mulheres agem como juízas e selecionam seus maridos ou amantes.

Os rituais de noivado também variam. Noivas Swahili recebem tratamentos de beleza por vários dias; seus corpos são massageados com óleo de coco e seus pés e mãos são decorados com tatuagens de henna. As Wodaabe são cobertas com mantas e escondidas em arbustos durante a cerimônia de casamento. As Ndebele acentuam as curvas, que seus homens tanto admiram, usando aros imensos em volta de suas pernas e quadris.³

Algumas culturas tradicionais ensinam suas mulheres a preparar uma fogueira no quarto ou na lareira e a mantê-la acesa para que ela nunca se apague. Nas religiões do povo indígena Bantu da região do Congo, no centro e sul da África, o fogo é visto como energia generativa, e, portanto, associado às mulheres, à sexualidade e à criação de cultura. Em mitologias de ‘roubo de fogo’, um ou mais homens roubam o fogo que originalmente pertencia a uma mulher idosa. Em rituais de nubilidadade ou de casamento de sociedades tradicionais como do povo Bemba (Zâmbia), Ila (do centro de Zâmbia) e Mbuti (Zaire), os últimos ritos envolvem mulheres idosas fazendo e ensinando a noiva a fazer o fogo. Quando um casamento termina ou se a esposa morre, a nova esposa faz uma nova fogueira. Da mesma forma que as mulheres Igbô da Nigéria celebram a sexualidade cantando canções pegajosas e se entregando a energéticas danças de fertilidade durante sessões exclusivas de mulheres nos rituais de casamento, as mulheres Bemba da Zâmbia fazem as sessões exclusivas de mulheres

³ http://www.culturesontheedge.com/gallery/archives/ceremonies/photos/court_frames.html. Visualizado em 1º de março, 2006.

com o acendimento ritualístico do fogo pelas mulheres idosas, girando gravetos no interior de suas coxas e cantando músicas **scratch, scratch**.

Tenho muito interesse em tais rituais, e há uma grande riqueza de dados etnográficos sobre o tópico disponível. Gostaria que outros estudiosos, pesquisadores e colaboradores me dessem um *feedback* sobre isto.

Muitas culturas tradicionais parecem ter maneiras de falar e ensinar sobre o prazer sexual, ao mesmo tempo em que praticam costumes que regulam a sexualidade das mulheres. Devido a presença dessa ambiguidade, a alegação de que o único propósito de tais práticas controversas, como a circuncisão, seja puramente reduzir o desejo sexual feminino e garantir a virgindade e a fidelidade é muito simplista. A afirmação de que a única razão para reduzir o tamanho da vagina com prática de MGF é aumentar o prazer sexual do homem também é enganosa. Atualmente, sabemos que qualquer forma de se tocar ou cortar com uma faca as partes privadas das mulheres é danoso e desnecessário. Nos tempos modernos, muitas mulheres passam por episiotomia para o parto e são costuradas novamente. Essa prática em que as mulheres são cortadas por ginecologistas do sexo masculino levantou uma série de perguntas políticas, assim como as práticas de corte das parteiras tradicionais. Em toda a história e em todas as culturas têm ocorrido muita interferência e luta contra os órgãos sexuais e reprodutivos das mulheres. Com o avanço do capitalismo também vêm acontecendo uma intensificação nas estratégias e esforços para controlar a mulher em corpo e mente.

Ao dar voz às mulheres, muito progresso foi feito no reconhecimento do direito de povos tradicionais à suas culturas e, similarmente, o direito das mulheres de terem orgulho e se identificarem com a religião de sua escolha. Isto não significa o fim do trabalho da desmistificação e da desconstrução. As críticas podem ser combinadas à educação que destaca a opressão de gênero em diversas teologias e revela as mensagens positivas que podem armar os oprimidos com conhecimento subversivo para desafiar os sistemas de opressão.

O Islã, assim como o Cristianismo, desenvolveu-se para uma religião principalmente patriarcal que é construída em tradições, injunções e interpretações de

fundadores, Imames e juristas do sexo masculino. Ao contrário dos homens “virgens” do cristianismo, especialmente a hierarquia católica que afirma que praticar o celibato foi uma escolha ou que se sentiram chamados a fazê-lo, os homens muçulmanos casam-se com várias esposas e experimentam o prazer da relação sexual. O Alcorão e o Hadith do Profeta Muhammad, como os livros sagrados de religiões ocidentais, contém declarações detalhadas sobre todos os tipos de prática sexual. Naturalmente, muitos são ortodoxos. Mas ao menos os fundadores do islamismo, como os tradicionalistas africanos, aceitam que o erotismo e o sexo existem, mesmo que a apresentação seja ambígua ao apresentar seus poderes poluidores, perturbadores e desestabilizadores. O reconhecimento do sexo proporciona um recurso útil e positivo aos líderes, clérigos e ativistas liberais e progressistas islâmicos africanos para que ocorra um movimento mais adiantado em questão de sexualidade. Além disso, significa que podem enriquecer as religiões recebidas pela introdução de tradições mais realistas, vibrantes e apaixonadas das culturas indígenas africanas.

O erótico e o sexo sempre representaram ambiguidades tanto nas tradições africanas quanto nas culturas modernas pós-coloniais. A Deusa da Água, geralmente conhecida como *Mammy Water*⁴, pode ocupar uma categoria ambígua tratando-se da contra-normatividade na lente cultural tradicional em algumas culturas africanas. Ela pode ser usada para descrever a beleza e o erotismo excepcionais, mas também incorpora características e atributos que podem ir contra o que é social e culturalmente esperado e aceito em mulheres adultas e maduras. Portanto, esforços seriam feitos em sua correção para que elas vivam de acordo com as expectativas sociais. Nas liberdades sexuais mais complicadas da modernidade, *Mammy Water* assume uma presença ainda mais invasiva na forma de uma sexualidade sedutora e subversiva e um encantamento materialista que dialogam, ao mesmo tempo, tanto com as inibições de culturas e religiões quanto com as atrações e ilusões do próprio capitalismo em termos de classe e raça.

Com o avanço do capitalismo, o discurso sobre a sexualidade assume a complexidade da interseção entre gênero e classe e, em alguns contextos, também

⁴ Também conhecida como *Mami Wata*. É relacionada à Iemanjá da Umbanda e do Candomblé (N. da T.).

entre raça. A consciência de classe elevada não necessariamente leva à erradicação do abuso sexual. Para combater esse problema, precisamos distinguir entre luta de classes e a focalização em meninas e mulheres inocentes como alvos. Uma perspectiva de classe cria o problema da dança das cadeiras, resultando em um círculo vicioso de perpetuação de violência e abuso pela classe sucessora, ao invés da correção desejada de um sistema por desmantelamento e aprofundando em processos democráticos e instituições. O abuso sexual ocorre em todas as classes, embora fatores econômicos agravem a vulnerabilidade das meninas e mulheres de classes mais baixas. Por esta razão, não creio que elevar a consciência de classe por si só diminua o abuso sexual, embora a inveja de classe possa se provar subversiva no aumento da consciência social na luta de classes. Rejeita-se, condena-se e criminaliza-se o abuso sexual, independentemente da classe do perpetrador, mas aspira a uma classe melhor na escala social, encorajada e apoiada pelo princípio da igualdade de oportunidades para todos.

Ao avançar a análise e o discurso, ao interrogar as interseções de sexualidade, gênero e classe, podemos também investigar a própria natureza do poder social e estatal. Na história e através de culturas, algumas sociedades praticaram ou institucionalizaram sistemas flexíveis de gênero cultural que permitiram e encorajaram a presença feminina proeminente em posições de poder e autoridade, independentemente do sexo biológico. É possível ilustrar esse fato com dois exemplos contrastantes. Os Igbôs do sul da Nigéria não distinguem entre sujeito masculino e feminino e pronomes objeto (*Ø* significa ele ou ela; *Ø ya* significa “é ele” ou “é ela” em Igbô) e isso nos permite ver e nos dirigir a uma mulher ocupando um papel visto tipicamente como masculino sem restrições de linguagem e estigmas. Em contraste, os Hausa do norte da Nigéria possuem rígidas regras de gênero gramatical e codificam diferenças de gênero em pronomes de sujeito e objeto, na construção do verbo etc. (*Ya* significa ‘ele’ e *Ta* ‘ela’; *Ya zo* significa ‘ele veio’ e *Ta zo* ‘ela veio’; *Shi ne* significa ‘é ele’ e *Ita ce* ‘é ela’ em Hausá). Na prática e estruturalmente, isso tem apoiado uma rígida hierarquia de gênero em papéis e status.

Não é de se surpreender que na configuração de gênero Hausá a mesma hierarquia em que a masculinidade é vista como superior à feminilidade é reproduzida

nos casos de homossexualidade desse povo, mostrando as limitações de se residir unicamente no tema da sexualidade sem desafiar o poder desigual do gênero hierárquico e das divisões de classe. Contudo, as línguas Igbô, Hausa e Yoruba, em contraste com o uso de “Homem” no inglês para falar do todo, utilizam termos coletivos sem gênero (*Nmadu*, ‘pessoa’ e *Ndi-Nmadu*, ‘pessoas’ em Igbô; *Mutum*, ‘pessoa’ e *Mutane*, ‘pessoas’ em Hausa; *Enyan*, ‘pessoa’ em Yoruba) que apoiam a nossa aspiração à dignidade humana inclusiva, à igualdade e à justiça social.

A expansão do conhecimento sobre o corpo e sua química, e similarmente sobre o cérebro, apresenta um desafio às visões e abordagens ortodoxas sobre a sexualidade e o sexo em todas as religiões, culturas e sociedades. Um dos benefícios da modernidade africana, devido a um tipo diferente de habitação em oposição à abertura de habitações tradicionais, é a possibilidade dos aventureiros e de mente aberta manterem privado o quanto os parceiros escapam da normatividade em seu prazer sexual. Ainda que as evidências estejam começando a sugerir que as configurações tradicionais africanas não eram tão inibidas em relação ao prazer sexual.

O contrário talvez seja verdadeiro nas sociedades ocidentais onde modernidade significa liberdade na expressão sexual. A sexualidade da modernidade também coloca em todos os lugares seus encantamentos e seduções, que são confrontados de diferentes maneiras. Uma perspectiva mais ampla que inclua expor contradições no normativo e interrogar normas dominantes opressivas por meio de alternativas contra-normativas me parece uma abordagem muito interessante para um engajamento prospectivo sobre o discurso da sexualidade, pois fornece uma perspectiva crítica e desafiadora de como visualizar a sexualidade historicamente e transculturalmente em um mundo em mudança. Na melhor das hipóteses, é uma perspectiva que permite a transcendência dos limites da normatividade ou do discurso dominante e que, ao mesmo tempo, incorpora uma reconfiguração e reestruturação inclusiva de gêneros na sociedade e no poder estatal.

O que nos falta aqui é mais trabalho comparativo para expandir nosso conhecimento sexual sobre as ambiguidades e mensagens positivas de culturas, religiões, literatura e ciência. Precisamos trabalhar com uma perspectiva ampla que

sujeite a rigidez normativa a uma avaliação crítica que apresente uma alternativa mais progressista frente aos desafios da mudança social.

Estou organizando um workshop e uma publicação editada sobre este tema e estou à disposição às respostas úteis e aos trabalhos de pesquisa etnográfica aprofundada. Endereço de e-mail: ifi.amadiume@dartmouth.edu

Ifi Amadiume é professora de religião e do Programa de Estudos Africanos e Afro-Americanos, Departamento de Religião, 6036 Thornton Hall, Hanover, NH, 03755, EUA.

Referências

Ba, M. (1985) **Scarlet Song**, New York: Longman